

Petrobras cria nova unidade de E&P

ITAJAÍ, NO LITORAL DE Santa Catarina, sedia agora a mais nova unidade de negócios da Petrobras: a Unidade de Operações de Exploração e Produção do Sul (UO-SUL), criada em função do acréscimo do volume de atividades da UO-Bacia de Santos (UO-BS). Com o objetivo de distribuir melhor a responsabilidade pela gestão das operações de exploração e produção da Bacia de Santos, que se estende de Cabo Frio (RJ) a Florianópolis (SC), a estatal instalou oficialmente a unidade no dia 2 de julho, em cerimônia discreta.

A UO-SUL responderá pela produção das áreas de Tiro e Sídon, ainda em fase de teste de longa duração (TLD), produzindo atualmente 17 mil barris por dia de petróleo leve, e pelo desenvolvimento da produção dos campos marítimos de Cavalomarinho, Caravela, Estrela-do-mar e Tubarão. Atualmente, encontra-se em fase final de contratação um sistema definitivo de produção para Tiro e Sídon, com capacidade de produção



Foto SSI: Agência Petrobras

de 80 mil barris por dia, com entrada em operação prevista para 2012.

Em terra, na Bacia do Paraná, ela responderá pelo desenvolvimento da produção do campo de Barra Bonita. Na área de atuação da UO-SUL também estão sendo desenvolvidas atividades exploratórias, incluindo blocos localizados na Bacia de Pelotas, de onde são esperados resultados para permitir a continuidade e o crescimento da produção da área.

A criação da UO-SUL também permitirá à UO-BS maior direcionamento aos projetos e à produção dos polos Uruguá-Tambaú, Mexilhão, Merluza e Centro (pré-sal) da Bacia de Santos, cuja coordenação das operações continuará a ser efetuada a partir de Santos (SP).

A cerimônia contou com as participações do gerente executivo de Exploração e Produção Corporativo, José Jorge de Moraes Junior, representando o diretor de Exploração e Produção; Guilherme Estrella, do gerente geral da UO-BS; José



Luiz Marcusso, além de outros executivos da companhia, autoridades e empresários da região.

Na ocasião, foi apresentado o novo gerente geral da UO-BS, Nilson Rodrigues Cunha. ■

ITT compra a Canberra Pumps do Brasil

MAIOR FORNECEDORA de soluções de bombas para aplicações industriais, comerciais, municipais e residenciais em mais de 140 países, a ITT Corporation instala-se no Brasil por meio da aquisição da Canberra Pumps do Brasil, expandindo sua presença no setor de bombas na região da América Latina.

Ela agora passa a ter uma base instalada de 20 mil bombas que atende a clientes dos setores de química, celulose e papel, e o mercado da indústria de bombas em geral. As condições financeiras da transação não foram reveladas. A aquisição tem como base a longa experiência da ITT Corporation no país, com produtos voltados para as necessidades da crescente base industrial, assim como as necessidades de água potável e tratamento de águas servidas.

"A Canberra, com sua grande base instalada e sólida reputação no mercado de processos industriais, representa um grande complemento para nossa presen-

ça atual no Brasil, e vai fortalecer nosso portfólio global de 3,4 bilhões de dólares em tecnologia de fluidos," disse Gretchen McClain, presidente da ITT Fluid and Motion Control. "Esta aquisição é mais um exemplo da estratégia da ITT de se basear em nosso principal negócio e utilizar nossa sólida posição financeira para crescermos em economias globais como o Brasil."

"A aquisição da Canberra vai dar suporte à expansão da ITT nas indústrias de óleo, gás e mineração no Brasil, que exigem bombas e válvulas para serviços pesados. Além disso, vamos introduzir a tecnologia de ponta da ITT ao portfólio atual da Canberra para melhor atender nossa base de clientes brasileiros", diz Bob Pagano, presidente de Processos



Industriais de IP da ITT. "Os produtos da ITT, Goulds, Flygt, Vogel, Lowara, Flowtronex e Sanitaire, estão instalados em muitas regiões do Brasil e da América Latina." A Canberra opera uma fábrica em Salto (SP), e emprega 90 pessoas.

Johnny Sepulveda, gerente geral da IP no Brasil, adiantou que a Canberra Pumps será integrada às operações da ITT no Brasil, incluindo as instalações administrativas e de produção existentes em São Paulo. "Nossas capacidades atuais e novas em termos de manufatura, engenharia, testes e montagem para nossos produtos no país vão nos permitir atender aos pedidos mais rapidamente e oferecer um serviço melhor aos clientes de toda a região. A ITT também vai introduzir um suporte pós-vendas, como reparos, reposição de peças, serviço e manutenção, assim como soluções adicionais que reduzem o custo total de propriedade dos equipamentos", acrescentou. ■



Mais P&D para o setor

FMC e UFRJ assinam acordo para Centro de Tecnologia no Parque Tecnológico do Rio

A FMC TECHNOLOGIES, líder em soluções tecnológicas para a indústria de petróleo e gás, e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) assinaram, no dia 6 de junho, o termo para construção do Centro de Tecnologia da FMC no Parque Tecnológico do Rio, na Cidade Universitária. O tempo de contrato entre a companhia e a universidade será de 20 anos.

A empresa possui três unidades industriais – duas no Rio de Janeiro e uma em Macaé. Esse será o primeiro centro de pesquisa da empresa no Brasil, que vai ocupar uma área de cerca de 20 mil m². A companhia tem ainda mais dois centros de tecnologia, em Houston (EUA) e na Noruega.

A companhia irá investir cerca de R\$ 70 milhões no projeto, que vai empregar perto de 300 engenheiros dedicados ao desenvolvimento de projetos e pesquisa de tecnologias submarinas para exploração de petróleo e gás no país, principalmente para o pré-sal e o pós-sal. A unidade contará com centros de pesquisa & desenvolvimento (P&D), laboratórios de testes e qualificações, instalações para testes de integração e protótipos em escala real.

“O posicionamento estratégico da UFRJ, próximo ao aeroporto, e a interação com os universitários foram pontos fundamentais para a escolha da universidade para a implantação do Centro de Tecnologia da FMC”, afirmou Paulo Couto, vice-presidente de Tecnologia da FMC Brasil.

Já Maurício Guedes, diretor do Parque Tecnológico do Rio, disse que a entrada da FMC é mais um passo da UFRJ para se tornar um centro de excelência tecnológica. “Estamos desenvolvendo aqui um polo de criação de tecnologias para a exploração do pré-sal”, completou.

O início das obras do Centro de Tecnologia está previsto para ainda este mês e, até o fim do primeiro semestre de 2011, o empreendimento deve estar em pleno funcionamento. Além da FMC, Schulmberger e Baker Hughes também terão centros de pesquisa no Parque Tecnológico.

A cerimônia contou com as seguintes presenças: Aloísio Teixeira, reitor da UFRJ; Maurício Guedes, diretor do Parque Tecnológico do Rio; John Grempp, presidente mundial da FMC Technologies; Nelson Leite, presidente da FMC Brasil; e Paulo Couto, vice-presidente de Tecnologia da FMC Brasil. ■



GNL da Petrobras está entre os principais projetos de infraestrutura do mundo

A PARTIR DE UM PROJETO inovador, a Petrobras construiu dois terminais de regaseificação de GNL, um no Terminal de Pecém, em São Gonçalo do Amarante (CE), e outro na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro. A regaseificação é realizada a bordo de navios. Em operação desde janeiro de 2009, os terminais têm, juntos, capacidade para processar 21 milhões de m³/dia de gás natural.

A regaseificação é feita a bordo dos navios Golar Winter e Golar Spirit, afretados da multinacional Golar LNG. Os dois navios operavam como transportadores de GNL e foram adaptados, especialmente para os projetos da Petrobras, para, além de transportar, armazenar e regaseificar o gás na forma líquida. Na prática, os navios funcionam como reservatórios de gás natural e podem ser considerados o coração do projeto GNL Petrobras. A lista da KPMG cita o projeto como Golar/Petrobras FLNG.

Uma das inovações do projeto GNL Petrobras é a transferência de gás natural liquefeito entre os navios - supridor e regaseificador - por meio de braços criogênicos, capazes de suportar temperatura de 162° C negativos.

O potencial de replicação deste projeto, globalmente, foi a principal razão apontada pelos julgadores para incluí-lo nesta lista, divulgada no fim de junho, e que relaciona apenas um projeto por área da infraestrutura. Os cinco principais critérios para a escolha dos projetos foram sua replicação, viabilidade, complexidade, inovação e impacto na sociedade.

“O projeto fornece uma alternativa viável economicamente para conectar facilidades de regaseificação ao mercado”, explica o documento da KPMG, informando que “a tecnologia frequentemente referenciada como Unidade de Regaseificação e Armazenamento Flutuante (FSRU) deverá ser desenvolvida globalmente”. ■



British Petroleum (BP) não consegue fechar poço, que continua jorrando milhões de litros de petróleo no mar do Golfo do México há três meses, e amarga sua pior desvalorização e quebra de reputação.

COM OS SEGUIDOS FRACASSOS da petrolífera britânica em tentar cessar o vazamento, fica cada vez mais claro que a empresa não estava preparada para uma tragédia dessa magnitude. Os números assustadores da quantidade de óleo despejado só aumentam. As últimas estimativas são de que estejam sendo jogados no mar cerca de 100 mil barris por dia, o que corresponde a 16 milhões de litros.

Diversas tentativas foram feitas para fechar o poço, mas, até agora, a BP conseguiu realizar apenas medidas paliativas, que estão resultando em uma coleta de quase 20 mil barris por dia – muito pouco em relação ao que é liberado no mar.

O desastre fez empresas do mundo todo se mobilizarem para

ajudar na contenção do óleo, como a Petrobras, que enviou uma equipe de especialistas em segurança e meio ambiente aos Estados Unidos. A equipe é formada por 20 pessoas, entre funcionários da companhia e profissionais da Marinha, Força Aérea e do Ministério do Meio Ambiente.

No início deste mês, a empresa de Taiwan, TMT Group, enviou a embarcação *Whale* (baleia – foto), que possui 275 m de extensão e pode recuperar até 500 mil barris de petróleo por dia, equivalentes a 80 milhões de litros. O funcionamento do barco consiste em sugar a água com petróleo, filtrar o óleo e expelir a água. Porém, a solução definitiva para o caso deve ser uma nova perfuração ao lado do poço original, para este, enfim, ser lacrado.

A BP pagou pelo desastre uma multa de US\$ 75 milhões, máximo de indenização determinado pela legislação dos Estados Unidos, mas, após esse acidente, os parlamentares americanos querem que este valor seja aumentado. A companhia britânica já gastou mais de US\$ 3 bilhões para reparar os danos ambientais causados pelo vazamento, o que corresponde ao pagamento aos estados afetados e aos custos pagos pelas autoridades federais.

O desastre no Golfo do México acendeu o sinal vermelho para a questão do investimento cada vez maior em segurança e automação que as companhias petrolíferas devem fazer, sobretudo as empresas que vão explorar o óleo na camada pré-sal, no litoral sul e sudeste do Brasil.

A distância de 300 km da costa e a extensão das reservas devem ser um alerta, para que a segurança nas plataformas seja a mais perfeita possível, e para que erros e acidentes como o que aconteceu em águas norte-americanas não ocorram por aqui.

Mais do que uma questão econômica, o desastre da BP é uma questão ambiental, principalmente. Ainda não se tem um estudo para determinar como ficará a vida marinha e das aves daquela região, mas pelas imagens reveladas para todo o mundo, de animais agonizando, cobertos de petróleo, as perspectivas são as piores possíveis. ■

Especialista brasileira em Direito Petrolífero participa de reunião em Londres

OS MEMBROS DA ASSOCIAÇÃO Internacional dos Negociadores de Petróleo (AIPN) se reuniram em Londres, de 20 a 23 de junho, no 2010 Model Contracts Workshop, para discutir os modelos de contratos do setor de gás e petróleo no mundo. O contrato padrão da AIPN é, hoje, ferramenta indispensável para as companhias de petróleo que



atuam em escala global, contribuindo para a celeridade e eficiência das negociações e as oportunidades de negócios.

A advogada brasileira **Marilda Rosado**, diretora da entidade internacional e uma das mais importantes especialistas do setor de petróleo e gás no Brasil, foi co-chair do evento, além de conduzir as sessões nos três dias de seminários e debates, em parceria com Sam Dunkley, advogado da BG em Londres.

Essas sessões ajudam a atualizar e revisar contratos para Acordo de

Operações Conjuntas (JOAs); Contrato Internacional de Perfuração; contratos de aquisição sísmica; de compra e vendas de GNL; Acordo Internacional de Intercâmbio de Dados; e Acordo de Interesse Mútuo em Área Internacional, entre outros.

Marilda Rosado – sócia do escritório Doria, Jacobina, Rosado e Gondinho Advogados Associados – acredita que uma oportunidade como essa, encontro de trabalho e troca de experiências, é essencial para a atualização em relação a algumas das grandes questões da indústria do petróleo, presentes nos inúmeros contratos que serão focalizados. ■